

## Reflexões sobre os desafios do projeto da paisagem urbana para alunos de arquitetura a partir de uma experiência “piloto” de ensino

*Reflections on the challenges of urban landscape design to architecture students from an educational “pilot” experience*

*Reflexiones sobre los desafíos de diseño del paisaje urbano por estudiantes de arquitectura de una experiencia educativa "piloto"*

FEGHALI, Maria Elisa

Professora Dra. em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. [m.elisafeqhali@gmail.com](mailto:m.elisafeqhali@gmail.com)

### RESUMO

Este trabalho, ao se debruçar sobre o projeto dos espaços livres urbanos, procura, a partir das dificuldades encontradas no ensino de paisagismo tanto do ponto de vista do docente quanto do discente, apresentar uma metodologia de ensino de projeto de paisagismo apoiada em um elenco de conceitos e ações que visam a “ancorar” o aluno/projetista, de forma a ampliar seu entendimento da paisagem e a evitar que se perca no percurso de seu aprendizado. Concluiremos com a apresentação de uma experiência “piloto” de ensino como forma de avaliar a proposta apresentada.

**PALAVRAS-CHAVE:** paisagismo, projeto, ensino.

### ABSTRACT

*This work, looking at the design of urban spaces, search - from the difficulties found in teaching landscape design both from the point of view of the teacher as the student - to propose a methodology for teaching landscape design supported by a set of concepts and actions that aim to "anchor" the student / designer extending his understanding of the landscape and prevent him from getting lost in the course of his learning. We conclude with the presentation of a teaching "pilot" experience as a way to evaluate the proposal.*

**KEY-WORDS:** Landscape, design process, education.

### RESUMEN

Este trabajo, mirando el diseño de los espacios urbanos, búsqueda de las dificultades encontradas en la enseñanza del diseño del paisaje - tanto desde el punto de vista del profesor como el estudiante - proponer una metodología para la enseñanza del diseño del paisaje con el apoyo de un conjunto de conceptos y acciones que el objetivo de anclar el alumno / diseñador extendiendo su conocimiento del paisaje y evitar que se pierda en el curso de su aprendizaje. Se concluye con la presentación de una experiencia de enseñanza "piloto", como una forma de evaluar la propuesta.

**PALABRAS-CLAVE:** paisajismo, diseño, educación.

## 1 INTRODUÇÃO

O projeto da paisagem urbana está em constante evolução, agregando novos desafios ao seu ensino em escolas de arquitetura. A reflexão desses conceitos e a maior complexidade das questões envolvidas, ao lado das dificuldades de ordem técnica e/ou administrativa dos cursos de arquitetura no Brasil e mais especificamente das disciplinas de paisagismo evidenciam a importância de pesquisas que aliem ensino e projeto de paisagismo. Este trabalho, ao se debruçar sobre o projeto dos espaços livres urbanos, procura, a partir das dificuldades encontradas no ensino de paisagismo tanto do ponto de vista do docente quanto do discente, apresentar uma metodologia de ensino de projeto de paisagismo apoiada em um elenco de conceitos e ações que visam a “ancorar” o aluno/projetista, de forma a ampliar seu entendimento da paisagem e a evitar que se perca no percurso de seu aprendizado. Concluiremos com a apresentação de dois trabalhos frutos de uma experiência “piloto” de ensino como forma de avaliar a proposta apresentada.

Entendemos que o paisagismo contemporâneo, ao lado da arquitetura e do urbanismo, tem como um dos grandes desafios promover espaços que atendam à complexidade e dinamismo da vida na atualidade, em cujos projetos a compartimentação e o engessamento das funções - típico do funcionalismo que pautou o século XX - já não mais respondem. Frente ao desafio do entendimento da paisagem que preserve sua riqueza e complexidade inerentes à noção do que é instável, reflexo e refletor das relações sociais que interagem com ela, nos debruçaremos sobre a paisagem urbana contemporânea entendida como processo, com uma dinâmica que justapõe o mutável e o imutável, a paisagem como verbo que em seu cerne incorpora a noção de ação, movimento, transformação e a capacidade de conter e expressar ideias. (HALPRIN, 1969; CORNER, 1999). A paisagem que se relaciona com os sinais do contexto, agregando pessoas, história e os diferentes fluxos apreendida e interpretada por um observador. Assim, entendemos que a sua forma resulta de elementos que podem ser controlados ou indeterminados, e que estas interferências lhes conferem dinâmicas, sociais, ambientais, dentre outras. (Conf. CORNER, 1999; WALL, 1999; MCHARG, 1967).

Dos muitos elementos que compõem a paisagem urbana adaptada às necessidades humanas destacaremos os espaços livres das praças como foco de nosso interesse, que frequentemente associadas à função de lazer cumprem um valioso papel de transformação no processo de construção da paisagem e afinaremos o **nosso olhar sobre a paisagem urbana contemporânea na ação projetual rebatida no ensino de paisagismo para alunos de arquitetura.**

## 2 QUESTIONAMENTOS INICIAIS

No trajeto desta pesquisa o que mais nos interessa é o processo projetual como construção do conhecimento. O aprender fazendo e a prática e a reflexão na ação, postulada por Schön ( 2000 ) a interessam mais, no campo do ensino, do que o próprio produto final. Entendemos que é no percurso de sua formação que o projetista pode e deve questionar os meios que se impõem ao seu desenvolvimento, e o docente pode e deve sempre duvidar de suas certezas, como forma de abastecer sua capacitação frente a seu ofício, como proposta de incentivo do desenvolvimento do seu ser-educador. Sendo assim, questionamentos sobre como ensinar projeto paisagístico, quais os métodos existentes, como sensibilizar o aluno para a importância da paisagem no contexto do projeto quer seja de arquitetura ou urbano foram as indagações pioneiras para o desenvolvimento desta experiência.

Com este pensamento, ao propormos um método de projeto da paisagem aplicado ao ensino para alunos de arquitetura, não pretendemos ser um modelo a seguir, mas uma contribuição como forma de questionar certezas e principalmente abrir possibilidades de desvelar formas de transitar no percurso, muitas vezes obscuro, do processo ensino-aprendizado em projeto.

**Constatações oriundas de experiências pedagógicas anteriores indicam certa dificuldade de articulação das etapas de análise e projeto no âmbito do ensino de paisagismo, etapas estas nas quais o contexto dominante do espaço, ainda que apreendido e diagnosticado pelos alunos, em suas múltiplas dimensões, pouco determinam o contexto emergente a ser proposto na fase de projeto. Estas constatações evidenciam a importância de se buscar formas de articular as questões da análise ao método de ensino de projeto para o espaço livre público, objetivando prover os alunos de um ferramental conceitual que possibilite integrar as variadas dimensões do projeto apreendidas na fase de diagnóstico do espaço. Este foi o principal vetor de condução do método apresentado.**

## 3 OBJETIVOS

No que tange ao ensino de projeto em escolas de arquitetura, consideramos ser o nosso objetivo específico: **investigar e propor procedimentos metodológicos de projeto de paisagismo que emergem das dificuldades relativas ao ensino desta disciplina, como um agente indutor do aprendizado para alunos de arquitetura.**

Das principais dificuldades identificadas em nossa pesquisa, destacamos a de entender o próprio conceito de paisagem por parte do aprendiz, a dificuldade de se transitar em diferentes escalas em prol do projeto, a transposição análise/projeto aliada à falta de ferramentas que o auxiliem nesta etapa, a adoção eficiente de repertório/referência como forma de abastecer a proposta; estas questões, somadas às barreiras administrativas – a pouca carga horária atribuída ao paisagismo em grande parte dos cursos de arquitetura no Brasil e a formação ainda escassa de docentes específicos para estas disciplinas – nos conduziram na determinação de nossos objetivos.

Vislumbramos, assim, que este trabalho possa contribuir para: a reflexão sobre o ato de projetar a paisagem; a compreensão do papel das disciplinas de paisagismo em escolas de arquitetura; os procedimentos didáticos adotados para o ensino de paisagismo para alunos de arquitetura; a formação do aluno em bases mais compatíveis com a exigência do mundo contemporâneo - que busca uma formação que contemple uma visão global, dentro de uma ação local.

#### 4 PROPOSTA

O procedimento didático que pautou nossa experiência privilegiou o intercâmbio do repertório pré-adquirido pelo aluno em disciplinas anteriores com o novo repertório de atividades por nós proposto. Algumas das principais referências metodológicas utilizadas pela disciplina - alvo da experiência – foram neste sentido reintroduzidas como suporte à abordagem das questões aqui tratadas. Optamos também por intercalar aulas teóricas, com apoio docente nas aulas de ateliê, e apresentações coletivas dos trabalhos relativos a cada etapa, com objetivo de proporcionar maior visibilidade ao processo de criação.

Acreditamos, assim como Batkin (2004), que o processo criativo também é fruto das descobertas promovidas pelo confronto de diferentes visões. Projetar reflete uma intenção de se atender a um ou múltiplos objetivos e/ou exigências; deste modo, o entendimento de que existe uma **relação, direta e necessária, entre análise e projeto**, constitui para nós a linha mestre do desenvolvimento do trabalho, que se estrutura como indicado a seguir. (CONF.FEGHALI,2013)

Apresentaremos a construção da experiência didática e de um método de projeto para o espaço livre público, que teve como meio para sua aplicação uma turma experimental da disciplina de Projeto de Paisagismo I da Faculdade de Arquitetura de Universidade Federal do Rio de Janeiro. A estrutura metodológica proposta emerge das principais barreiras/dificuldades enfrentadas no ensino

de projeto de paisagismo para alunos de arquitetura, de contribuições de métodos e práticas diversas e procura apoiar-se em um **sistema de categorização, de hierarquização, de ferramentas e de avaliação**. Assim as categorizações e ferramentas de análise e projeto apresentadas nascem dessa experiência e visam a mitigar essas barreiras – é, portanto, ao mesmo tempo, uma **metodologia de análise e projeto** e um **suporte metodológico de ensino de paisagismo em escolas de arquitetura**.

Ilustraremos este artigo com dois trabalhos desenvolvidos na experiência de ensino como forma de ilustrar a questão para nós central, da **transposição da etapa de análise para a de projeto**, como núcleo da proposta metodológica, com suas etapas claras e definidas, constituindo-se em efetivo agente indutor do processo de aprendizagem em projeto de paisagismo frente a suas barreiras e entraves.

Quando se pensa em um método para abordar objetos complexos, como é o caso do projeto de espaços livres urbanos, deve-se compreendê-lo como um sistema, permitindo certa dinâmica na aplicação.

No caso desta experiência didática, os próprios alunos, o professor e os possíveis usuários funcionaram como o grupo de agentes com diferentes olhares sobre o problema de projeto. Esse processo de projeto encaminha a solução de projeto para uma visão múltipla, considerando as possíveis respostas ao problema construído inicialmente.

O estudo de **metodologias** busca um conjunto de métodos e/ou percursos a serem utilizados em determinada disciplina, e sua aplicação. Sendo assim, entendemos que uma metodologia de projeto, de forma geral, pode conter, para as etapas do ato projetual os sistemas abaixo:

**Sistema de categorização:** que permita identificar dentre os diversos elementos aqueles que têm relação direta com o processo;

**Sistema de hierarquização:** que permita dar graus de importância a cada elemento elencado, de forma a limitar e ponderar o universo de trabalho;

**Sistema de ferramentas:** que instrumentalizem o projetista no ato projetual, principalmente nas etapas de análise e projeto;

**Sistema de avaliação:** que permita, na conclusão de cada etapa ou sub-etapa, aferir-se a qualidade do trabalho.

Esse quadrinômio - **CATEGORIZAÇÃO + HIERARQUIZAÇÃO + INSTRUMENTALIZAÇÃO + AVALIAÇÃO** - define, de certa forma, o *modus operandi* de cada metodologia. O instrumental utilizado em cada um desses sistemas dá a tônica da característica intrínseca da metodologia escolhida – de cunho técnico, econômico, social, ecológico, etc – e pode-se dizer que, embora a subjetividade do projetista opere um relevante papel nas tomadas de decisões ao longo do processo, o resultado final do projeto estará eventualmente mais ligado à escolha desse conjunto do que do projetista em si, pois a definição da metodologia balizará e restringirá as opções projetuais posteriores.

Podemos citar como exemplo, a proposta metodológica de McHarg (2000) - que embora tenha uma forte inspiração ecológica, busca também nos processos a base de sua atuação - e de Burle Marx - que apoia-se na simbiose arte e técnica, mas também com preocupações ecológicas, quando prioriza o uso da flora local e agrega botânicos e outros profissionais como parceiros em seus projetos. Ainda assim, cada metodologia acima possui, de forma mais ou menos organizada, um sistema de **categorização**, de **hierarquização**, de **ferramentas** e de **avaliação** que a define e instrumentaliza, fruto de uma fonte de inspiração primária que conduziu à construção do sistema. Assim, cada metodologia terá um campo de aplicação ideal - por exemplo, a metodologia de Chacel para recuperação de ecossistemas pioneiros - e o conhecimento mais íntimo de cada uma delas capacita o profissional num espectro mais amplo.

**A metodologia proposta neste trabalho emerge da experiência acadêmica – da observação detalhada dos entraves e barreiras vividas pelo professor e alunos no ensino e aprendizagem de projeto<sup>1</sup>.**

Dentre os diversos entraves ao ensino de paisagismo analisados, foram trabalhados os abaixo listados:

#### **OBJETO**

**Apreensão multidimensional da paisagem** - dificuldade dos alunos em perceber a paisagem de forma ampliada: multidimensional e mutante.

#### **ANÁLISE**

**Multidisciplinaridade da análise** – dificuldade em trabalhar com aspectos e requerimentos muito variados.

**Leitura das dinâmicas morfológicas, ambientais e intersensoriais, culturais** – dificuldade em perceber e analisar essas características.

---

<sup>1</sup> Como dito anteriormente (cap. 1) algumas barreiras são relativas ao ensino de projeto em suas múltiplas dimensões (arquitetura, urbanismo, paisagismo), outras são específicas ao ensino de paisagismo ( questão da escala, representação gráfica, barreira de ordem administrativa ( pouca carga horária), dificuldade de leitura e análise de dimensões ambientais, culturais, etc.)

**Representação gráfica:** dificuldade em registrar aspectos não morfológicos da análise - aspectos variáveis e temporais, aspectos sociais e culturais.

### **TRANSPOSIÇÃO ANÁLISE-PROJETO**

**Barreira da transposição** - dificuldade em incluir e concretizar no projeto os aspectos analisados; dificuldade em formatar e hierarquizar os aspectos analisados de forma eficiente para a etapa de projeto.

### **PROJETO**

**Inserção do usuário:** dificuldade em reconhecer os usuários do espaço e considerar os seus requerimentos.<sup>2</sup>

**Barreira da escala:** dificuldade de entender a importância da solidariedade escalar e de se trabalhar com elementos fora do domínio espacial afeto à área do projeto (fluidez escalar).

**Falta de repertório (armadilha do ícone):** dificuldade em utilizar referências projetuais condizentes ao programa e contexto escolhidos, adotando-se exemplos conhecidos mas de *pouca adequabilidade*.<sup>3</sup>

**Barreira do processo imaginativo:** dificuldade em propor soluções novas ao espaço.

Entendemos, assim como Corajoud (2000), que embora para o projetista mais experiente o projeto não seja sequencial e as etapas intrínsecas ao projeto normalmente já estejam automatizadas no ato projetual, para o projetista em formação - caso dos alunos, alvos de nossa experiência - se faz importante a transparência de cada etapa como forma de tecer um pensamento que contribua para a construção do projeto.

Assim, a partir das questões acima, define-se um sistema de ferramentas/atividades e procedimentos coerentes, que visam dotar o aluno/projetista em formação de um instrumental de análise e projeto que permita ultrapassar essas barreiras e assim contribuir para mitigar as dificuldades do ato projetual, no processo de sua formação. Como dito anteriormente, em relação às ferramentas e atividades adotadas para o desenvolvimento da metodologia proposta, buscou-se contribuições de teorias diversas, bem como referências metodológicas adotadas em disciplinas de paisagismo em diferentes cursos.

Portanto, a metodologia aqui apresentada não tem a pretensão de ser única nem tão pouco inovadora em sua totalidade; mas cumprir o objetivo de, a partir de bases teóricas e metodológicas, formar um todo coerente que contribua para a formação do projetista/aluno de arquitetura face às dificuldades técnicas e administrativas inerentes à maioria dos cursos de arquitetura existentes no Brasil, aliadas à complexidade de se projetar a paisagem.

---

<sup>2</sup> Entendemos que esta é uma dificuldade, mesmo do projetista mais experiente, mas no processo acadêmico, por suas especificidades, torna-se ainda mais evidente.

<sup>3</sup> Parte desta dificuldade alia-se à dificuldade na definição do próprio programa.

Ainda na proposta desta pesquisa, procuramos a partir dos norteadores de projeto - que permitem uma valoração do espaço a ser proposto segundo aproximações a seu contexto arquitetônico e/ou urbanístico e/ou sócio-histórico-cultural e/ou ambiental -, oferecer um arcabouço teórico e conceitual que ancorem o aluno no sentido da elaboração do projeto. Assim, as etapas de transição (esquema conceitual de projeto e escolha das estratégias como ações de projeto) permitiram apoiar as escolhas das referências bem como romper com o percurso rotineiro em disciplinas de projeto de paisagismo no qual as referências projetuais antecedem as ações de projeto e cumprem, para o jovem aprendiz, um papel equivocado de iluminar o projeto pelo viés da cópia como forma de reduzir o percurso à solução do projeto. Procuramos também desvincular a proposta de projeto de programas de necessidades qualitativas/quantitativas (definição de m<sup>2</sup> ideal de área por atividades para um determinado uso, indicação de um número aconselhável ideal de mobiliário, etc). Sublinhamos que para nossa proposta o entendimento do projeto paisagístico como superfícies flexíveis e dinâmicas nos conduz ao pensamento do programa menos funcionalista e mais capaz de gerar eventos e a adequabilidade dos espaços a diferentes usos.

Destacamos que as questões elencadas acima aliadas à possibilidade do aluno trabalhar o terreno integralmente como espaço livre, sem o objeto arquitetônico, são as principais distinções de nossa proposta e a disciplina de Projeto de Paisagismo I em sua estrutura regular no AI-I na FAU/UFRJ.<sup>4</sup>

Apresentaremos abaixo um roteiro de atividades que formatam a metodologia de ensino de projeto proposta; ficando desde já entendida a extensão natural metodologia de projeto/ análise, e a relação aluno → projetista.

ATIVIDADE 1	<i>Explicitação da noção do conceito de paisagem</i>
ATIVIDADE 2	<i>Apreensão da paisagem urbana pela vivência pessoal</i>
ATIVIDADE 3	<i>Leitura e diagnóstico da paisagem urbana pelas dinâmicas ambientais, culturais e morfológicas</i>
ATIVIDADE 4	<i>Inserção do usuário</i>
ATIVIDADE 5	<i>Esboço de possibilidades através de narrativas</i>
ATIVIDADE 6	<i>Primeiras aproximações gráficas - esquemas preliminares</i>
ATIVIDADE 7	<i>Referências de projeto</i>

Em nossa proposta, defendemos que a importância atribuída à análise, no conjunto de atividades — 1, 2, 3 e 4 —, representa um esforço de possibilitar que o aluno compreenda o contexto a ser trabalhado de forma mais complexa e menos ingênua frente à sua pouca experiência projetual, e

<sup>4</sup> Conferir o plano completo da disciplina de Projeto Paisagístico I no AI I em [www.nova.fau.ufrj.br/material\\_didatico/FAU246-Plano](http://www.nova.fau.ufrj.br/material_didatico/FAU246-Plano).

assim contribuir para que ele transponha efetivamente estas questões em seu processo de ensino de projeto.

Neste sentido, as etapas subsequentes cumprem o papel de efetivar a transposição análise - projeto, tanto pelas narrativas como pelas primeiras aproximações gráficas.

Em relação à etapa da busca de referências, embora alguns autores, como Simon (1991), defendam o estudo das referências - sobretudo as virtuais – como base do projeto, ao que denominam de *Case Base Design* (CBD), cabe ressaltar nossa crença de que – não só no grupo de teste (alunos da FAU/UFRJ), mas em alunos de arquitetura no Brasil – ao se encorajar o aluno a trazer as referências logo no início do processo, corre-se o risco de uma ingenuidade ainda maior no sentido de relacioná-la ao contexto de trabalho – frente às poucas referências no que tange a projetos de paisagismo contemporâneos, sobretudo para espaços livres públicos no Rio de Janeiro onde esta pesquisa se desenvolveu, e diante da precariedade cultural e de experiência espacial inerente aos alunos em nossa realidade.<sup>5</sup> Assim, com a proposta de se trazer as referências em etapa posterior à ampla análise procurou-se mitigar o risco da busca imediata de imagens de forma pouco eficiente e superficial, sobretudo das referências virtuais - que por melhores que sejam, carregam sempre a dificuldade de se vincularem ao nosso contexto.<sup>6</sup>

No diagrama a seguir procuramos relacionar as dificuldades ao desenvolvimento do projeto por parte do projetista em formação e as etapas/atividades onde a zona de influência de cada dificuldade/barreira é mais impactante:

---

<sup>5</sup> Entendemos que na concepção de Simon não há, portanto, mais nenhuma singularidade: o que um indivíduo faz, um “computador pode fazê-lo”. Assim o que procuramos, ao retardar a busca das referências neste método de ensino de projeto, é salientar as particularidades do sítio/contexto a ser trabalhado de modo a não esvaziar a busca de referências frente a pouca experiência dos alunos.

<sup>6</sup> Embora tenhamos notado uma evolução bastante significativa na produção de projetos de paisagismo no Brasil, na última década, no caso específico do Rio de Janeiro onde esta pesquisa se desenvolveu, a despeito dos importantes trabalhos de Burtle Marx e Fernando Chacel, e dos tradicionais exemplares históricos, que apesar de prestarem às lições atemporais, possuem limitada aplicação enquanto referência projetual contemporânea os quais ainda observamos uma parca produção destes projetos na última década.

Diagrama 1: relação das dificuldades ao desenvolvimento do projeto e as etapas propostas.

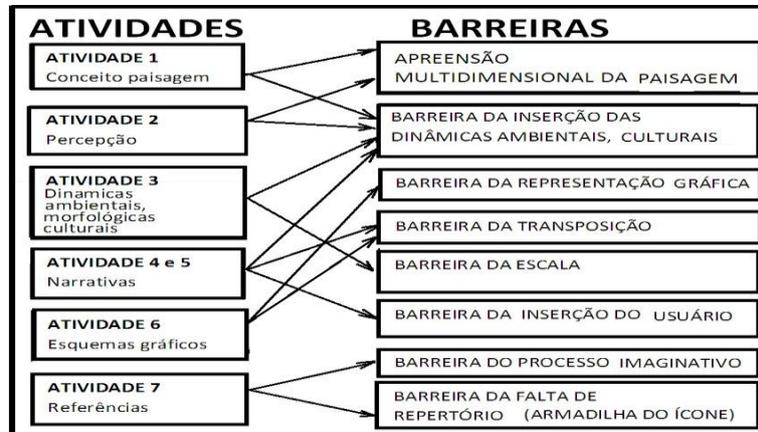


Diagrama da autora

Destacamos que a dificuldade da apreensão multidimensional da paisagem impacta na compreensão do que é o objeto do projeto (Paisagem) ao mesmo tempo em que o seu raio de influência se relaciona também com a própria análise; já a dificuldade da compreensão das dinâmicas ambientais e culturais e da importância da solidariedade escalar se faz presente principalmente na etapa de análise. A falta de meios de representação gráfica de alguns elementos advindos da análise dificulta não só a análise do contexto como a sua transposição análise – projeto; as barreiras da escala e da inserção do usuário no processo de projeto tem grande influência tanto na análise quanto no projeto, enquanto que as dificuldades do processo imaginativo e da busca de repertórios eficientes se apresentam fortemente na etapa de projeto.

**A disciplina de Projeto de Paisagismo, alvo desta experiência, está alocada no 4º semestre do curso e possui uma carga horária de 3 h semanais. O perfil da turma é, na sua maioria, de alunos de quarto ou quinto períodos, que por não conseguirem cumprir o extenso programa de AI-I, (Ateliê Integrado 1) abandonam o paisagismo e desta vez, no período em que foi aplicado o experimento, cursam a disciplina como autônoma, ou seja, desvinculada de AI - I.**

Entendendo-se como fundamental o reconhecimento que todo diagnóstico constitui uma operação interpretativa e como tal estabelece uma **versão** da realidade observada que por si só já configura as **condições** do projeto, **ratificamos aqui, que a adoção dos norteadores qualitativos de projeto aliados ao esquema conceitual e as estratégias adotadas, representam ferramentas que podem contribuir, no sentido da transposição da análise ao projeto, cumprindo assim o papel de**

**facilitadores da síntese de elementos multiformes e muitas vezes conflitantes afetos aos espaços livres públicos, sobretudo para o projetista em formação.**

Cumpramos ressaltar que as ferramentas propostas, no nosso entendimento, não conduzem a um “engessamento” formal nem a um direcionamento a *priori* de soluções porquanto as estratégias/ações de projeto apresentadas têm em sua essência um viés flexível indutora de abordagens criativas

Gráfico 1: Esquema das etapas do método proposto no qual as subetapas Narrativas, adoção dos Norteadores de Projeto como apoio aos Esquemas Conceituais de projeto e à busca das estratégias que por sua vez apoiam o elenco de referência de modo a se relacionar mais eficientemente tanto com os planos qualitativos como com os esquemas conceituais.

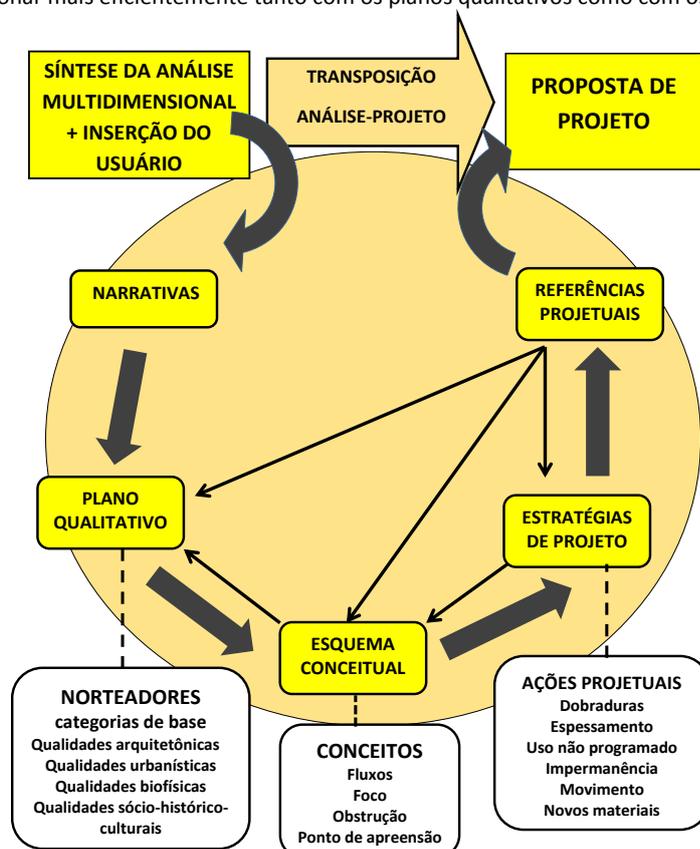


Gráfico da autora.

Constatamos, assim, que a **caracterização qualitativa do projeto, embora proveniente de uma análise objetivante<sup>7</sup>, envolverá uma interpretação subjetiva por parte do projetista / observador, e a forma na qual se dá essa interpretação é fundamental, porque ela estará presente no direcionamento de uma parte do projeto.**

<sup>7</sup> Proveniente das análises em diferentes dimensões desenvolvidas nas atividades 3 e 4.

Como forma de ilustrar essa experiência de ensino, nos deteremos na atividade 6 que como “espinha dorsal” do projeto norteará as escolhas das Estratégias e posteriormente a busca das referências.

## ATIVIDADE 6

### Aproximações gráficas conceituais - esquemas preliminares

#### ATIVIDADE DE ENSINO

**Método:** com base na narrativa/síntese da análise, da intenção projetual, e apoiados nos registros básicos propostos acima, por meio de uma legenda gráfica (a ser definida), os alunos deverão montar um esboço conceitual de projeto.

**Contribuição:** permite auxiliar o projetista, durante o processo de projeto, a organizar suas ideias. Na etapa de análise contribui como síntese dos aspectos considerados mais importantes de serem transpostos para o projeto permitindo ao aluno entender a relevância da etapa de análise para a de projeto. Possibilita prover o aluno de um ferramental básico advindo do próprio conceito de paisagem, que o permita uma primeira aproximação gráfica com a formalização do projeto em planta. Contribui para abrir a “caixa preta” da concepção projetual permitindo ao jovem projetista um “canal” de aproximação gráfica mais fundamentada na análise e menos em cópias ou relâmpagos intuitivos. (Apoiaremos em Halprin (1969) e os “scores” entendidos como registros/notações que abastecem o processo de projeto em prol do próprio processo criativo.)

Os conceitos definidos para uma primeira aproximação gráfica em direção à formalização do projeto estabelecem uma relação direta com o próprio entendimento de paisagem defendido neste trabalho; assim enfatizamos que esta aproximação conceitual pode contribuir para consolidar a importância dos espaços livres na formação da paisagem urbana, especialmente para o alvo de nossa aplicação – alunos de escolas de arquitetura.

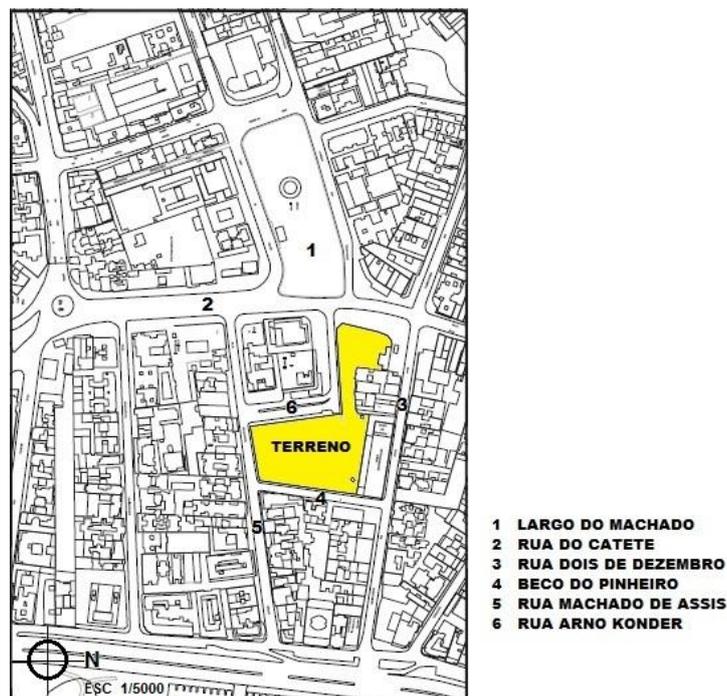
Salientamos que **a adoção dos norteadores e das estratégias adotadas, como repertório balizador da intenção projetual, representa um esforço pedagógico de fornecer ao aluno, projetista em formação em arquitetura paisagística uma âncora de apoio face às dificuldades de se projetar os espaços livres urbanos.**

Assim, as estratégias adotadas foram:

**Espessamento** (*thickening*): múltiplos layers, que não só resolvem problemas técnicos, como drenagem, estruturas, e funções; mas agrega ao espaço efeitos e dramaticidade, enquanto multiplica as possibilidades de usos. (maior aproximação com as qualidades sócio-histórico-cultural, qualidades biofísicas e urbanísticas), **Dobraduras** (*folding*): dobrar, cortar, conectar, as superfícies possibilita criar um tipo de fluidez que une interior e exterior em uma superfície contínua. (maior aproximação com qualidades arquitetônicas), **Novos materiais:** podem trazer um bem estar associado à diversidade e ao lazer do pedestre. O uso de asfalto, borracha, madeira e metal usado em Vall d Hebron, por exemplo, expressa e provoca novas atividades. (maior aproximação com qualidades biofísicas e sócio-culturais), **Uso não programado:** equipar as superfícies com serviços e mobiliário que podem ser apropriados e modificados pelo público possibilita flexíveis e variados arranjos de usos. O projeto que acomoda muitas funções pode ser econômico e ao mesmo tempo um rico espaço de trocas sociais. (maior aproximação com qualidades sócio-histórico-culturais), **Impermanência:** programa e função são talvez os aspectos mais modificáveis em uma cidade. Necessidades e desejos podem modificar a toda hora e **Movimento:** nas cidades contemporâneas, os instrumentos e espaços de mobilidade, como as grandes rodovias, por exemplo, têm formatados novos espaços de usos coletivos, e este se apresenta um desafio real aos novos projetos urbanos: aceitar aquelas estruturas como elementos importantes e de vitalidade na experiência das metrópoles. (WALL, 1999)

Ilustraremos a seguir a etapa de formulação dos esquemas conceituais de projeto de forma a contribuir como elo entre a etapa de análise e a proposta de projeto. Os dois trabalhos são frutos da experiência de ensino em terreno de aproximadamente 9.000 m<sup>2</sup> que localiza-se no bairro do Catete no Rio de Janeiro, com um entorno predominante comercial e residencial, e gabarito entre 5 e 15 pavimentos; o terreno hoje pertencente ao Metrô - RJ, encontra-se murado e em vias de desapropriação. Possui uma forma irregular, com o seu perímetro faceando as ruas do Catete - considerada principal artéria do bairro, a Machado de Assis – via de fluxo secundário e as ruas Arno Konder e Beco do Pinheiro – que servem de atalhos entre a principal e a secundária e utilizadas prioritariamente como estacionamento. Na face Norte, o terreno faz divisa com o Centro Cultural Oi Futuro e Com o núcleo carioca do Instituto dos Arquitetos do Brasil- IAB-RJ, além de construções populares, do tipo cortiço e em péssimo estado de conservação.

Figura 1: aérea parcial do bairro com destaque para o terreno de trabalho e o Largo do Machado.



Fonte: intervenção da autora sobre arquivo cedido pela disciplina de AI-I em 2012.

O **trabalho 1 (fig. 2,3)** - a proposta emerge do entendimento da falta de conexão com as demais áreas livres existentes e o forte adensamento construtivo de seu entorno o que causa certo sufocamento da área livre de intervenção. A partir desta síntese a relação com os **componentes arquitetônicos e urbanísticos darão relevo e nortearão a proposta**. No esquema conceitual observamos a intenção de **obstruir** a área em relação ao estacionamento do entorno voltando o **foco**

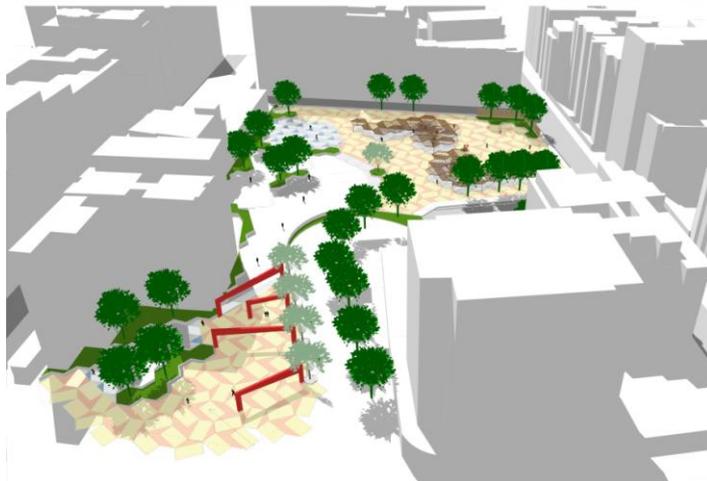
do projeto para a própria área do terreno, mas ao mesmo tempo tentando estabelecer em alguns pontos a conexão urbana das vias de menor fluxo viário privilegiando o pedestre. O **espessamento** e a **dobradura** são as estratégias que podem permitir as conexões pretendidas. A referência do Boston Chinatown Park busca dar relevo ao conceito de espessamento pela definição de layers capazes de acomodar usos diversos tanto durante a semana como nos fins de semana e a referência do Parque da Música busca através dos diferentes níveis realçar a conexão entre os espaços refletindo a estratégia das dobraduras.

Figura 2: síntese da análise, esquema conceitual de projeto, definição das estratégias e busca de referências.



Fonte: trabalho de aluno.

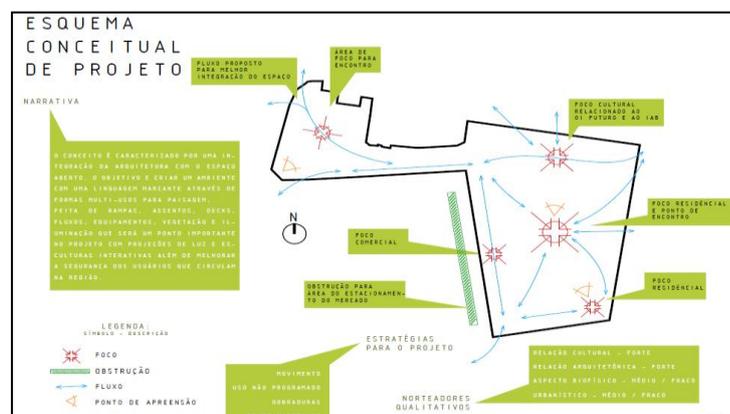
Figura 3: A partir das relações do terreno com o entorno arquitetônico e com as ruas adjacentes e suas principais atividades - como a feira livre existente, a ocupação das calçadas da rua Arno Konder esquina com Machado de Assis, o projeto contempla três polos principais a partir do qual ele se desenvolve: um como portal de convite a praça localizado na principal rua adjacente - a Rua do Catete; um espaço de transição entre os diferentes níveis, que como agente de ligação entre os dois polos da praça, permite ao mesmo tempo estabelecer conexões entre os espaços e deles com o seu entorno.



Fonte: trabalho de aluno

No trabalho 2 (fig. 4,5), o projeto é pensado principalmente como superfícies, que como registros gráficos ora ativam possibilidades pré-terminadas, ora se colocam como suporte passivo e possível de interpretações e usos imprevistos. Neste viés, apoiado na definição de suas principais trajetórias que se relacionam com o seu entorno como um todo, mas principalmente com o Oi Futuro e IAB, traduzido em um traçado de piso, no qual as conexões expressas na fachada do Oi Futuro se expandem em fachos luminosos e marcam não só os fluxos, mas os focos principais de uso: a área de bancos nas proximidades do IAB, que apoiados em trilhos podem se deslocar conforme as necessidades, tanto ampliando a área de piso para concentrações diversas, como posicionadas no sentido do plano de projeção proposto para a fachada do IAB. Os planos de piso de praça se ampliam, para a rua Arno Konder, que no mesmo nível integram os espaços dos restaurantes do entorno que podem se apropriar da praça ou serem apropriados por seus usuários, ao mesmo tempo que sinalizam para os motoristas a prioridade do pedestre; este diálogo ativa as superfícies urbanas e as resignificam cotidianamente. Os pisos diferenciados, como o permeável *Greenway* e os decks em madeira ecológica criam uma dinâmica nos sub-espacos existentes e enfatizam as dobraduras como superfícies contínuas, quando se fundem na proposta dos bancos que brotam do próprio piso. A abertura de uma rua adjacente ao Oi Futuro, além de enfatizar a relação direta com centro cultural, possibilita a permeabilidade da praça com a rua Dois de Dezembro. Outros elementos como as intervenções gráficas nas empenas do entorno e pequenos espelhos d'água congregam para a consolidação estética da praça como mais um atrativo para seu uso.

Figura 4: esquema conceitual de projeto: focos de uso sendo os principais ao centro do terreno e nas proximidades com os equipamentos culturais; fluxos bem marcados em todos os sentidos, irradiando do terreno para o entorno e vice-versa; **obstrução** bem marcada na face do estacionamento da rua Arno Konder; **pontos de apreensão** voltados para o próprio terreno e deste para o Oi Futuro e IAB.



Fonte: trabalho de aluno

Figura 5: plano geral com definição das trajetórias e áreas de permanência.



Fonte: trabalho de aluno.

## 5 REFLEXÕES FINAIS

A partir desta experiência de ensino constatamos que, no caso do trabalho 1, a *grid* hexagonal adotada pela aluna, como forma de solucionar as dificuldades do terreno irregular e na escala proposta, em um primeiro momento gerou um aprisionamento formal que Lawson(2000) denomina de **armadilha do quebra-cabeça** e só se converteu de fato em auxílio **quando ela retoma as estratégias adotadas** - dobraduras e espessamento - e restabelece o vínculo com o esquema conceitual. Percebemos que apesar da clara dificuldade da aluna de oficializar a intenção de projeto exposta na narrativa e relativa principalmente à escala de trabalho e aos vários elementos advindos da análise ainda assim, os Norteadores e as Estratégias - sobretudo as dobraduras expressas nos diferentes níveis usados para relacionar a área ao entorno residencial e de possibilitar uma barreira em relação à feira existente - cumpriram um papel de leme e balizador para que a aluna não se perdesse definitivamente no processo de projeto.

Notamos que, no trabalho 2, o projeto paisagístico proposto - ao se filiar a Wall (1999) no entendimento da paisagem suporte como uma superfície ativa que pode estruturar as condições para novas relações e interações entre as partes e seus suportes - retrata uma praça com espaços dinâmicos e flexíveis, que subverte os domínios do público e do privado - a praça que se expande aos bares/restaurantes do entorno e/ou as calçadas frontais dos mesmos que se fundem à praça - e dilui os limites da arquitetura e do espaço livre - quando propõe a integração dos equipamentos culturais e de sua arquitetura na proposta do projeto, quer seja no rebatimento da fachada do Oi

Futuro no desenho do piso da praça, quer seja na apropriação da empena do IAB como tela de exibição.

Entendemos assim que a tese defendida por Halprin (1969), que propõe o *projeto* como *processo*, encontra no método apresentado, conforme demonstrado neste trabalho, a possibilidade de se retroalimentar sem perder o leme direcionador relevante para o aprendiz/aluno em arquitetura paisagística.

Os resultados ilustrados, no nosso entender, indicam que a metodologia proposta disponibilizou ao aluno/projetista um conjunto de ferramentas que o auxiliou no entendimento do projeto paisagístico como processo, com etapas claras e definidas, contribuindo para que ele aportasse a uma proposta de projeto que convoca os elementos advindos da análise de modo a contribuírem para a qualidade do espaço projetado, em relação aos critérios adotados. Entendemos, porém, que a qualidade do projeto depende também de outros fatores que extrapolam os limites da metodologia tais como: repertório e capacidade individual de cada aluno; comprometimento com o trabalho e a disciplina bem como o nível de formação do aluno.

## 6 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail, **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1997.

CORAJOURD, Michel in BRISSON, Jean-Luc (org). *Les neuf conduits nécessaires pour une propédeutique pour un apprentissage du projet sur le paysage in Le jardinier, l'artiste et l'ingénieur*. Paris, Les Éditions De L'imprimeur, 2000.

CORNER, James. *Recovering landscape as critical cultural practice in Recovering Landscape*. New York: Princeton Architectural Press, 1999 p. 1-26.

FEGHALI, Maria Elisa. O ensino de projeto: desafios e possibilidades em arquitetura paisagística. Tese de doutorado em urbanismo, PROURB, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

HALPRIN, Lawrence. *RPSVP Cycle*. New York, George Braziller, Inc., 1969.

LAWSON, Bryan. *How designers think the design process demystified*. Oxford: Architectural Press, 2000, p. 228.

SCHON, Donald. Educando o profissional reflexivo. (tradução Roberto Costa). Editora Artmed, Porto Alegre, 2

SIMON, H. A. *Sciences of the artificial*. Cambridge, Mass, The MIT. Press, 1991000.

WALL, Alex. *Programming the urban surface in Corner, J. ed., Recovering Landscape*. New York, Princeton Architecture press, 1999. p 233-249.

[www.nova.fau.ufrj.br/material\\_didatico/FAU246-Plano](http://www.nova.fau.ufrj.br/material_didatico/FAU246-Plano).